



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RAFAEL CARVALHO DA SILVA

O PROFESSOR COMO INTELLECTUAL ORGÂNICO

Londrina
2016

RAFAEL CARVALHO DA SILVA

O PROFESSOR COMO INTELLECTUAL ORGÂNICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Social.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Rossi

Londrina
2016

RAFAEL CARVALHO DA SILVA

O PROFESSOR COMO INTELLECTUAL ORGÂNICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

Dedico este trabalho a professora Luciana Aparecida Aliaga e ao professor Marco Antonio Rossi por me apresentarem e ajudarem a entender um pouco sobre Gramsci.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço ao meu orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, professor Marco Antonio Rossi.

A Professora Luciana Aparecida Aliaga.

Aos colegas que de certa forma estiveram comigo nessa caminhada.

Gostaria de agradecer também algumas pessoas que contribuíram para que tudo isso fosse possível, Meu pai, minha Mãe, irmãos, cunhados, noiva e familiares.

SILVA, Rafael Carvalho. O Professor como Intelectual Orgânico. 2015. 44 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o professor como intelectual orgânico, nos termos utilizados por Antônio Gramsci (1891-1937). Passearemos também pelo pensamento de outros autores, como Mannheim, Marilena Chauí e Renato Janine Ribeiro, que deram uma grande contribuição na análise sobre o papel do intelectual nas sociedades contemporâneas. Nos colégios públicos estaduais de todo o país, observamos a importância do papel que exerce o professor dentro da sala de aula, transmitindo aos alunos uma visão de mundo diferente ou pelos menos mais ampliada em relação a sua posição inicial, fato esse que nos permite fazer uma ponte com as ideias de Gramsci, quando o autor apresenta a classe dos intelectuais e sua influência dentro da sociedade. É claro que não temos a intenção de dar conta de todo o conteúdo relacionado à Gramsci, mesmo porque seria algo impossível. Nossas pretensões são de fazer uma contribuição modesta porém bem feita da relação entre os intelectuais, no pensamento de Gramsci, e os professores, como típico agente orgânico em defesa de uma determinada cosmovisão. Algo que notamos, ao observar o olhar dos alunos sobre seus professores, é admiração, que muitos mestres não notam, mas que faz toda a diferença para o futuro dos jovens e de todos na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: intelectual orgânico; professor; ideologia; utopia; escola.

SILVA, Rafael Carvalho. Teacher and Intellectual Organic. 2015. 44 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

This article aims to present the teacher as organic intellectual, design is based on Antonio Gramsci's theory (1891-1937) to expound on the role of intellectuals within a class. We will ride also by thinking of other authors and they Mannheim, Marilena Chauí and Renato Janine Ribeiro, who gave a great contribution on the subject. In state public schools around the country, we noted the important role that plays the teacher in the classroom, conveying to students a different view of the world or at least broader compared to its initial position, a fact that allows us to do a bridge with Gramsci's ideas, when the author presents the class of intellectuals, and its influence within society. Of course we do not intend to account for all the content related to Gramsci even why it would be impossible. Our intentions are to make a modest contribution but well made of the relationship that intellectuals lay at the thought of Gramsci and relates it with the role played by teachers. Something noticed by observing the relationship between teachers and their students, an admiration of relationship that many of the teachers do not notice but that make all the difference for the future of the students and everyone in society.

KEYWORDS: organic intellectual; teacher; ideology; utopia; school.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. OS INTELLECTUAIS.....	<u>12</u>
3. O PROFESSOR	21
4. O PROFESSOR INTELLECTUAL ORGÂNICO	29
5. O PROFESSOR E INTELLECTUAIS NA ATUALIDADE (MODERNIDADE)	36
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

No desenvolvimento desse trabalho buscaremos relacionar o professor como intelectual orgânico, tema tratado por importantes pensadores ao longo dos séculos, dando ênfase principalmente nas concepções de Antônio Gramsci, visto que o professor tem de modo conhecido ou não, grande influência sobre a visão de mundo que os alunos que por ele passam possuem.

Quando ouvimos falar a palavra intelectual, nos baseando pelo senso comum temos a convicção de estarmos falando sobre um ser, homem ou mulher, que possui um saber, uma cultura literária e uma visão cognitiva inalcançável. Ou seja, um ser superior a grande maioria da população com a capacidade de fazer relações e tratar de determinados assuntos com maestria.

Em alguns dicionários de língua portuguesa encontramos a palavra intelectual definida da seguinte forma: "Relativo ao intelecto. (Pessoa) que tem gosto pelas coisas do espírito, estudos, leituras e etc." (LUFT, 2000, p.395).

Isto é, utilizando esse tipo de definição, podemos de certa forma acreditar que um intelectual tem a capacidade de conhecer sobre diversos assuntos, dessa forma consegue dialogar sobre os mesmos com a intenção de demonstrar sua opinião e seu conhecimento.

De fato é assim que comumente enxergamos alguém que é considerado um intelectual, primeiro por que é essa imagem que nos foi passada sobre as pessoas intelectuais. Seja pelo senso comum quanto pela mídia em geral (televisão, rádio e Jornais).

Inclusive na escola desde os primeiros anos de estudos alunos que se destacam com um alto grau de conhecimento são vistos pelos colegas como pessoas muito cultas, intelectuais, o que quase sempre não é tão vantajoso, tão positivo do ponto de vista dos colegas de escola dependendo da idade desse aluno.

São os chamados CDfs, sigla qual não conseguimos decifrar até hoje o significado, mas, que tem a ver com o grau de conhecimento cognitivo de determinado cidadão.

Na TV, rádio e jornal vemos a todo instante pessoas comentarem determinados assuntos com muita propriedade e parecem estar muito além de nós e conhecer sobre tudo que acontece no mundo, são os grandes intelectuais os detentores do saber.

Enfim, desta forma só podemos pensar o intelectual do jeito exposto acima, já que somos bombardeados a todo instante com esse tipo de definição então acabamos a aceitando e também a perpetuando.

Porém podemos pensar: os intelectuais não poderiam contribuir para a melhoria da sociedade ou para o desenvolvimento de determinados assuntos relacionados à sociedade que os cercam? Bom esse assunto não passa pela cabeça da maioria das pessoas que estão presas ao senso comum, talvez por falta de conhecimento sobre o assunto ou a falta de contatos com autores que expuseram tal tema.

Alguns autores nos mostraram outro tipo de intelectual, talvez outro significado para essa palavra, um ser humano que não apenas enxergara longe diversos assuntos como também contribuirá para que esses assuntos façam a diferença no meio em que vivem no circo social do qual faz parte ou acredita.

Esse intelectual pode ter qualquer tipo de atividade profissional, pode ser um médico, zelador, pedreiro, advogado. Não importa por que entendermos que, assim como dizia Gramsci: "*todos os homens são filósofos*", ou seja, todos os homens enxergam o mundo por uma ótica que lhes confere sentido e que lhes faz acreditar em algo - uma filosofia não de sentido puramente intelectual e sim uma filosofia de vida:

"É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto demonstrar preliminarmente que todos os homens são "filósofos" definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea", peculiar a todo mundo" (CC 11, § 12, V 1, p.93).

O que realmente interessa é como esse profissional age em relação à classe que se identifica, que tipo de influência ele exerce sobre a mesma, se ele busca transformar organicamente a vida das pessoas das quais ele convive e se identifica.

Nesse trabalho o professor é o profissional do qual buscamos colocá-lo na categoria de intelectual orgânico, ou seja como um ser humano capaz de influenciar diretamente na sociedade em que vive, principalmente seus alunos devido ao contato estreito que possui com eles.

E que diferente do que vemos e ouvimos comentar, ainda possui ao professor certo respeito do qual muitos julgam ter sido perdido com o passar dos

anos, é claro que o respeito pelo mestre pode ter mudado um pouco, mas ainda não está em extinção na atual sociedade.

Fato que chama nossa atenção nos estágios realizados em colégios públicos, assim como em oficinas ministradas nos mesmos na cidade de Londrina. Onde percebemos a influência que o professor tem na formação de seus alunos, algo que não é restrito ao ensino médio, ocorre também na universidade.

Mas somos levados a pensar que ao chegar à universidade temos menos chances de ser influenciados a pensar de tal forma do que no ensino médio ou primário, devemos ressaltar que não queremos dizer que não somos influenciados na universidade, mas já chegamos à mesma com certas ideias formadas o que ocorre com menos frequência no ensino fundamental e médio.

Esse assunto, porém, ficará para um próximo trabalho. Neste, a ideia é articular o intelectual orgânico e o professor, aproximando a natureza de suas atuações em sociedade e na defesa de uma determinada visão de mundo.

Ou seja, foi assim que conseguimos compreender com clareza qual o tamanho e a importância que tem o mestre ao expor sua opinião ou seu modo de ver a vida em uma sala de aula onde os alunos buscam respostas e modos de compreender melhor os anseios da vida cotidiana.

Para começar tal aventura temos que conhecer mais sobre os intelectuais, como já vimos não apenas esse homem culto com conhecimento de grande monta, mas outro tipo de intelectual, nos baseando em Antônio Gramsci quando o mesmo trata do assunto, passando por Karl Mannheim, Marilena Chaui e Renato Janine Ribeiro.

Tal intelectual é aquele que além de ter um vasto conhecimento sobre determinados assuntos utiliza de sua influência e sabedoria para mudar ou manter a ordem vigente.

2. OS INTELECTUAIS

O tema dos intelectuais é muito atrativo, pois vamos aqui apresentar uma conceituação que difere do senso comum ou do conhecimento popular. Para tanto temos Antônio Gramsci como nosso principal autor, mas também começaremos a conhecer o intelectual através de outro autor usado em nosso trabalho Renato Janine.

Renato Janine Ribeiro, no artigo “O Cientista e O Intelectual”, procura esclarecer o alcance do conceito de intelectual, nos apresentando uma ideia diferente da que aprendemos popularmente: que o intelectual é um ser extremamente preocupado apenas com seu conhecimento, inteirado com seus estudos. E para isso Renato estabelece uma relação com o cientista e destaca o papel que o intelectual tem diante do público.

“Começaremos por uma possível definição de intelectual, como quem lida com os assuntos humanos. *Homo sum, nihil humanum a me alienum puto* (sou humano, nada do que é humano reputo estranho), como dizia o jovem Marx, citando Terêncio. O intelectual seria assim o cientista específico das humanidades, aquele que trata das ciências humanas e sociais, bem como das letras, filosofia e história. Ele se distinguiria do cientista que, nas ciências biológicas ou exatas, lida com as coisas – e isso não por que o intelectual preze a inexatidão mas por que trata do mundo dos homens, no qual toda ação implica alguma reciprocidade, em lidar com gente que reage – nossos próximos -, e por isso introduz um elemento irreduzível de imprevisão e indeterminação no conhecimento.” (RIBEIRO, 2006, p. 137)

Janine Ribeiro procura mostrar as diferenças e até a dificuldade de conceituar um intelectual. Ele levanta alguns conceitos e faz o trabalho de tentar encaixar o papel desse sujeito em sua ação em face da sociedade. O intelectual pode ser quem lida com assuntos humanos ou até o cientista específico das ações humanas.

O autor faz um contraponto com o cientista para mostrar que o intelectual não é apenas aquele que lida com assuntos humanos, enquanto o cientista lida com assuntos das ciências exatas - ele afirma que pode, sim, um cientista exercer o papel de intelectual dentro da sociedade e o chamado intelectual exercer apenas um papel de pesquisador-cientista.

O intelectual, seja de qual área for, é aquele que tem compromisso com a sociedade, que é capaz de esclarecer a população quanto a importância e as

benesses de determinadas descobertas; é, enfim, um ser capaz de utilizar o conhecimento em prol da convivência humana.

“Assim nem todo estudioso das ciências humanas e sociais é intelectual, nem todo cientista das exatas e biológicas se coloca fora do mundo da intelectualidade. O que caracteriza o intelectual é fazer uso público do conhecimento. Isso não significa apenas falar em público – ele deve também efetuar todas as mediações que convertem o que inicialmente seria trabalho arcaico, acadêmico, fechado sobre si, voltado apenas para avanço interno do conhecimento, em algo que passa a ser apropriado socialmente.” (RIBEIRO, 2006, p. 141).

Sendo assim, “o trabalho do intelectual é justamente o que caracterizou a *encyclopédie*, ou seja, transferir para o grande público um conhecimento que antes era encerrado entre os que podiam saber”. (RIBEIRO, 2006, p. 141).

Sendo assim o autor procura esclarecer que os intelectuais são aqueles cientistas ou não das ciências exatas ou humanas, que apresenta ao grande público algo que pode fazer diferença em suas vidas, que pode ter importância em suas tomadas de decisões e que são de início conhecidas apenas nas academias ou em círculos sociais restritos.

Portanto a diferença entre o intelectual e o cientista não está na característica de sua profissão e sim na atitude que os mesmos possuem frente a sociedade. Não sendo intelectual aquele pensador que guarda para poucos um conhecimento que deveria ser de todos, deixando apenas em certos ambientes, sem tornar conhecimento de todos.

“O pensador que refreia sua voz diante do vulgo, que se recusa a dizer de público o que pensa em privado, mesmo que seja por recear o abuso que os outros fariam de suas ideias, *não* é um intelectual. Não é, porém, que faltem, a ele como pessoa, as qualidades do intelectual; é que essa figura é, ainda, impossível. Ela se tornara possível, porém, e mesmo decisiva, quando expuser na praça pública as ideias, e deixar que elas se convertam em ações, se convertam em gesto fundamental. Isso faz, sem dúvida, do intelectual alguém que tem parte próxima com o publicista e o boêmio.” (RIBEIRO, 2006, p. 142)

Enfim o intelectual é aquele que se preocupa com os assuntos que podem trazer um benefício ou que pode transformar a vida da sociedade ao passo que o cientista e um ser mais preocupado com a ciência, com novas descobertas, com a

busca pela verdade científica, portanto é a atitude perante o público que diferencia o intelectual do cientista.

Ribeiro ainda termina por polemizar esse papel do intelectual, ao problematizar se todos os conhecimentos científicos devem ser trazidos a público para discussão, se realmente o intelectual tem o poder e a obrigação de mediar às descobertas e fazer com que o público julgue se é correta sua aplicação ou não.

Ao finalizar nosso autor faz outro levantamento que é sobre o intelectual que ele em contato com a mídia pode ser cobrado a mediar assuntos de forma imediata, ou seja, responder a determinadas questões que precisariam de uma avaliação feita de forma mais elaborada sem uma pressão de responder imediatamente a determinados fenômenos.

Sobre esse assunto de avaliarmos o papel do intelectual em face das questões que surgem com os fenômenos sociais, vamos agora nos inteirar mais no assunto com Marilena Chauí que nos apresentara uma discussão que envolve o papel do intelectual em face das questões sociais

Assim uma questão se levanta: qual seria a função do intelectual, afastar-se dos fatos para uma melhor avaliação, onde o mesmo possa de uma forma mais tranquila aprofundar-se no assunto e trazer a sociedade uma resposta sobre tais fenômenos mesmo que isso demande um certo tempo? Ou deve esse intelectual responder de forma quase instantânea aos anseios sociais que se levantam, não demorando a dar para a sociedade uma resposta sobre esses assuntos?

“O intelectual engajado é uma figura em extinção?”, indaga Marilena Chauí.

Sartre e Merleau-Ponty, resgatados por Chauí, mostram diferentes opiniões. Chauí faz uma discussão sobre os temas levantados acima tentando esclarecer o tema dos intelectuais e sua posição perante a sociedade.

A autora assim como Janine começa por conceituar, apresentando alguns conceitos sobre o surgimento dos intelectuais, sobre onde foi utilizada a palavra intelectual, que é pelo senso comum entendida de forma diferente das apresentadas nesse texto.

Os intelectuais são uma criação da modernidade, que permitiu ao sujeito uma autonomia para expressar-se, não tendo obrigação com nenhum tipo de vínculos seja com a igreja, Estado ou até mesmo com as academias, apesar de também ser comum vermos que muitos estão vinculados com estas instituições citadas anteriormente.

A autora fala sobre a autonomia racional que no caso Dreyfus nos permite conhecer o impacto que tem uma informação quando ela é conhecida, trazida a público por determinadas pessoas que podem ser elas intelectuais ou não.

O caso Dreyfus, ocorreu na França no século XIX, Alfred Dreyfus era um oficial da artilharia do exército France que foi acusado de espionagem, de trabalhar para o exército Alemão visto que o mesmo era o único da artilharia de descendência Judaica. No entanto tempos depois se descobre que o verdadeiro culpado do fato era Charles Esterhazy.

Mesmo assim em outro julgamento a sentença de Alfred não foi alterada, foi quando o escritor Zola indignado com tal situação resolve levar a público os fatos e acaba por provocar uma revolta em parte da população e uma comoção em outra que apoiava Dreyfus, entre eles intelectuais, professores e outros que tiveram de ver a justiça ser feita só depois de muita luta e protesto.

Bom, vemos nessa pequena história que o papel de Zola de levar a público o caso de Dreyfus foi fundamental para que a justiça fosse feita, assim como fazem os intelectuais quando transmitem a seus grupos informação de relevância para suas vidas.

Chauí ainda faz um breve comentário sobre o pensamento de Bourdieu na questão do intelectual, dizendo que os mesmos agem certa hora com esclarecimento ao público, certa hora de forma mais isolada, tendo sentindo-se muitas vezes até ameaçado por poderes e instituições.

É dessa forma que a autora traz a discussão de Sartre e Merleau-Ponty, no assunto de ser correto o intelectual expor sua opinião de todos os fatos de forma mais instantânea ou não.

Para Sartre, o intelectual engajado está inserido diretamente nos assuntos, vivendo o calor do momento. Já para Merleau-Ponty os intelectuais devem se afastar do calor dos acontecimentos e analisar de uma forma concreta e atenta a realidade, evitando opiniões precipitadas.

“Para Sartre, visto que a consciência é leve e insubstancial o filósofo pode aceitar o apelo de todos os fatos e de todos os acontecimentos, não se deixando impregnar por eles, conservando a soberania. Para Merleau-Ponty, porque a consciência é encarnada num corpo e situada na intercorporiedade e na intersubjetividade, o filósofo não pode, para usarmos a expressão que emprega no *Elogio da Filosofia*, “dar assentimento imediato e direto a todas as coisas, sem considerados”. Isso significa, como escreve, que “é preciso ser capaz de tomar distância para ser capaz de um

engajamento verdadeiro, o qual é sempre também um engajamento na verdade". (Chauí, 2006, p. 24).

Sartre entende que a liberdade dá sentido ao engajamento, que o intelectual ao se expressar sobre os assuntos de grande importância já no calor das emoções lhe permite estar por dentro dos fatos ainda quente, ainda vivendo o acontecimento sendo sua opinião algo que pode causar mudanças de forma mais rápida.

Merleau-Ponty possui uma visão diferente do assunto, ou seja, para o mesmo o engajamento é quem permite a liberdade, ou seja, afastar-se dos fatos analisa-los com calma e cautela permite ao intelectual não cometer nenhum equívoco em sua opinião que pode fazer toda diferença no andamento de certos fatos e influenciar de forma mais positiva evitando erros fatais.

Desta forma então compreendemos que Sartre enxerga o intelectual como uma figura de grande importância quando expressar sua opinião com intuito de defender suas causas com os fatos ainda saindo do forno, com as emoções a flor da pele, onde sua opinião seria aproveitada com rapidez. Já Merleau-Ponty entende que esse seria o grande problema, agir no calor das emoções pode acarretar uma opinião equivocada do assunto, é necessária para Merleau-Ponty uma análise mais cautelosa e aprofundada.

Enfim, essa discussão enriquece muito nosso trabalho, o tema discutido acima nos leva a pensar que a modernidade trouxe ao homem uma maior liberdade para pensar e expor suas ideias tratada aqui por Chauí, é também o fio condutor do pensamento de Mannheim.

O autor também fala da modernidade como o lugar onde as pessoas possuem determinados pensamentos que podem ser aceitos por um grupo e conflitantes para outros.

A maneira de pensar dos diferentes grupos acaba por criar para si seus próprios intelectuais que de uma forma compactuam com os mesmos pensamentos desse grupo, o modo de pensar a vida é algo que traz a utopia de uns e a ideologia de outros.

É assim que Mannheim explicara a ideologia e a utopia sendo que uma pode se tornar a outra com o passar do tempo devido a mudança na sociedade e a troca do poder vigente.

Vivemos nossas vidas em determinados círculos sociais, onde nesse círculo crescemos e compartilhamos de determinadas ideias dos quais fomos ensinados

desde pequenos a pensar assim, de certa forma achamos correto, pois somos induzidos a tal pensamento.

E dentro desses círculos sociais determinadas pessoas possuem um poder de influência sobre todo o resto, são esses os intelectuais, dos quais baseamos nossas vidas de acordo com que o os mesmos nos oferece de opções.

Karl Mannheim, no seu livro “Ideologia e Utopia”, descreve os intelectuais como entes da modernidade, época em que a igreja católica perde o monopólio do domínio sobre a sociedade. Mannheim mostra, com a “sociologia do conhecimento”, que o homem não pensa como indivíduo e sim, como grupo, proposição que aponta a diversidade de pensares coletivo. A questão dos intelectuais, surgindo como pessoas que apresentam uma visão de mundo para determinados grupos, então se fortalece, ao passo que as sociedades vão tendo modos diferentes de ver a vida e passam a adquirir conhecimento social que podem ser entendidos como verdade única por determinados grupos, geralmente conhecimentos partilhados por intelectuais.

Desse modo, para Mannheim, a diferença entre utopia e ideologia acontece quando os intelectuais dos grupos dominantes apresentam ou criam em seus seguidores uma visão de mundo, entendida de modo prejudicial ou ruim para os grupos e intelectuais das classes dominadas.

Assim como, para a classe dominante, os modos de pensar das classes dominadas e de seus intelectuais soam como “*utópicas*”, algo que fica apenas no imaginário de determinadas pessoas, se concretizando apenas como uma fantasia.

Ou seja, na atualidade podemos pensar no que Mannheim tenta nos dizer, que durante muitos anos o partido dos trabalhadores foi de certa forma taxado de utópico, pois apresentava sempre ideias que divergiam das ideias que possuíam os detentores do poder antes do partido dos trabalhadores chegarem ao poder.

Muitas das pessoas eram influenciadas por jornais, revistas, programas de televisão, igrejas e outras instituições que não compartilhavam com os objetivos dos integrantes do partido dos trabalhadores, eram esses os intelectuais que procuravam a manutenção da ordem vigente.

Hoje em dia o partido dos trabalhadores ocupa o poder e é ele que goza do prestígio de diversos jornais, revistas e programa de televisão através de seus intelectuais, ou seja, a visão de mundo de determinadas pessoas se modificaram

com o passar dos anos devido principalmente à circulação de informações e a opinião de determinados especialistas.

Mannheim ainda classifica, ou podemos dizer faz uma separação dos intelectuais, como podemos ver nas palavras acima os intelectuais influenciam a sociedade e também carregam determinadas influências por serem frutos daquela sociedade.

Mas nosso autor fala que determinados grupos de intelectuais que estão para ele acima dessas influências e tem o poder de agir sobre a sociedade de forma totalmente neutra, é a chamada "*Intelligentsia*", um grupo de notáveis dentre todos os intelectuais.

Sendo assim para Karl Mannheim, os intelectuais surgiram da modernidade quando a igreja católica se enfraquece, diminuindo o domínio sobre a sociedade. Os intelectuais surgem como representantes de um grupo que apresentam uma visão de mundo que é compartilhada por esses grupos e vão se fortalecendo com as mudanças sociais.

Finalmente chegamos a Antonio Gramsci qual temos como nosso principal autor, que apresenta a questão dos intelectuais nos fazendo lembrar e até aprimorar muito do que foi retratado pelos autores dos quais nos deleitamos acima.

Antonio Gramsci, por sua vez – em papel de destaque neste trabalho -, concebe os intelectuais como seres influentes para toda a vida social.

“Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político.” (Gramsci, 1982, p. 3)

Os intelectuais, de acordo com Antonio Gramsci, são criados por um grupo ou classe social da qual se torna representante de suas concepções de mundo, ou seja, esse determinado grupo deposita sua confiança e absorve as ideias de um intelectual. Esses intelectuais são os que melhor apontam para essas classes a consciência de sua função, os localizam dentro da sociedade.

Podemos entender que os intelectuais não necessariamente se identificam com a classe da qual tiveram origem. Para Gramsci, os intelectuais podem vir de uma classe, mas estarem ideológica e politicamente ligados à outra. Assim, como exemplo, temos Marx e Engels que pertenciam à classe burguesa. No entanto,

foram intelectuais orgânicos do proletariado, ligados por sua concepção de mundo a uma classe, o que faz deles dirigentes dessa classe.

Para Gramsci, há dois tipos de intelectuais, que possuem uma especificidade, que compreendem a sociedade em seu conjunto, que de alguma forma possuem certa “autonomia” o intelectual tradicional e o orgânico.

O intelectual orgânico age conscientemente a favor de uma determinada classe em que procuram perpetuar e legitimar suas ideologias. Temos como exemplo os técnicos industriais que agem como intelectuais orgânicos surgindo da classe industrial e representam seus interesses e dos outros industriais.

Em contrapartida existem os intelectuais tradicionais, que parecem estar desvinculados de quaisquer classes, como já vimos acima, por compreenderem a sociedade em seu conjunto, acreditam que estão além das causas sociais.

Ou seja, a consciência de pertencer a uma classe é o que diferencia esses intelectuais, “a diferença entre o tipo de intelectual tradicional e o orgânico, portanto é essencialmente seu compromisso de classe e, em consequência, a posição que assumem em relação à nova formação social” (ALIAGA, 2011, p.165).

Outra separação que pode ser feita para que se compreenda a diferença entre esses dois intelectuais é saber que o intelectual orgânico pertence a uma classe atual, moderna, ao passo que o tradicional é uma categoria pré-existente, estão ligados as classes suplantadas pelo capitalismo, mas que seus dirigentes ainda possuem certas influências.

Assim sendo cada grupo social possui sua camada de intelectuais, apesar de alguns deste acharem que estão acima de qualquer influência social, econômica e política, da sociedade. Mas, todo grupo de intelectuais traz a uma sociedade o sustento de suas ideias, ou seja, adquire em determinados grupos veracidade em suas palavras.

Podemos então definir que seu papel é a transformação da cultura. Os intelectuais devem destruir a barreira que os separa das massas e criar uma nova cultura.

Enfim a transformação da cultura passa exclusivamente pelos intelectuais que possuem suas especificidades, quais compreendem a sociedade em seu conjunto e são ligadas as classes pela concepção de mundo. Todos os intelectuais buscam dentro de suas classes a transformação através de suas ideologias para que se chegue a hegemonia.

Alcançar a hegemonia é conseguir conquistar o estado e a sociedade civil, ou seja, alcançar a propagação de seus ideais e fidelidades a eles tanta com membros da sociedade política, quanto com membros das sociedades civis, jornais revistas entre outros.

Agora que conhecemos os intelectuais e seus papéis na sociedade, apresentaremos o professor e falaremos um pouco sobre a educação, que é a obrigação que o professor tem profissionalmente, educar os alunos do ponto de vista secundário, já que a educação primária deve vir de casa.

3. O PROFESSOR

Neste capítulo que pretendemos falar sobre o professor devemos primeiramente dar uma passada pela educação escolar que é o lugar qual o professor está inserido e é onde o mesmo exerce sua função social.

A educação é discutida dentro das academias e em todos os cantos da sociedade, de modo mais sistemático e metodológico-científico dentro das academias e também mais com “senso comum” dentro da sociedade. Porém, não deixa de ser nunca um assunto que intriga grandes personagens em toda nossa história.

Vejamos como alguns autores de grande importância acadêmica, cultural e social refletem sobre a escola e educação: a escola que dentro da sociedade tem um papel primordial na formação da consciência do aluno, por vezes até superando a instituição família.

A família hoje em dia possui configurações variadas e divergência no modo de educar crianças e adolescentes. Já a escola pode ser entendida de modo sincronizado: alunos, professores, diretores, pedagogos entre outros, cada um “obedecendo” suas funções hierárquicas.

Pierre Bourdieu coloca a educação como mais uma das frações nos meios de dominação que pequenos grupos conseguem se apoderar. Para ele a escola não possui uma neutralidade: há um afinamento na carreira escolar que acaba não permitindo que todos conquistem seu espaço na sociedade, o que está ligado diretamente com o capital financeiro das famílias e automaticamente com o capital cultural (PIES, 2011).

O autor mostra uma ligação direta entre esses dois capitais, o cultural e o financeiro, pois as famílias de classe média são as que conseguem maior ascensão social devido a investimentos mais expressivos na educação, em contraposição as famílias das classes subalternas não conseguem dar continuidade aos estudos de seus filhos, os quais necessitam trabalhar e ajudar em casa cada vez mais cedo (PIES, 2011).

Durkheim vê na educação uma preparação para os sujeitos exercerem funções diversas dentro da sociedade (FAUCONNET, 1978), ou seja, cada um cumprindo sua função social o que já é ensinado desde os primeiros anos escolares.

Mauricio Tragtenberg contribui para nosso debate ao apresentar e reprovar o sistema de poder que existe em todos os níveis educacionais e sua reprodução dentro da sociedade (Tragtenberg, 1990) ele faz uso de algumas concepções de Foucault para dizer que a escola é disciplinadora, e possui o poder de vigiar e punir.

Desse modo o aluno considerado “normal” é aquele que estiver enquadrado no modelo de determinadas regras e normas, ou seja, está alocado aqui mais uma vez a burocratização e a hierarquização da educação, uma cadeia onde os alunos são sempre as bases. Em outras palavras os primeiros a sofrer punições além das rotulações como: a de alunos problemáticos, repetentes e indisciplinados, entre outros.

Na linha de frente de toda essa questão está o professor que necessita expor os conteúdos e ensinar aos alunos como desenvolver seus conhecimentos além de fazer a mediação, uma relação que muitas vezes chega ao extremo do convívio social, como discórdias que podem até acabar em tragédia.

Desde muitos séculos atrás, ensinar é um dom, algo que para muitas sociedades é místico, possui um significado que vai além de simplesmente educar, passar um conhecimento cognitivo, chegando até mesmo a algo considerado metafísico.

Algumas coisas, observamos e absorvemos durante nosso período de estagio e em outras obtivemos através de oficinas de ensino qual realizamos durante nosso período de formação em ciências sociais na Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde tivemos a oportunidade de visitar alguns colégio Estaduais e ver com maior clareza a rotina de muitos professores.

É claro que na universidade também fizemos muitas análises dos professores que podemos dizer não difere muito dos mestres do ensino médio, visto que a formação dos mesmos é a mesma, porém modos de ensino e técnicas didáticas cada professor têm a sua.

Ao ingressarmos na faculdade em um curso de licenciatura temos o sonho de um dia chegar a ser como muitos dos professores que tivemos durante a nossa trajetória até ali, e até mesmo de sermos como alguns que dos quais nunca tivemos aula mais que conhecemos e admiramos o seu trabalho.

E nesse processo passamos por diversas fases no aprendizado primeiro entendemos a importância de conhecermos o conteúdo do qual estamos

trabalhando para que possamos passar a frente sem comprometermos futuramente os alunos, além é claro de não nos comprometermos com falsos conhecimentos.

Mas, na formação continuada de professores um passo importantíssimo para nossas vidas são as oficinas e os estágios. As oficinas nos oferecem a oportunidade muitas vezes de sabermos como é trato com os alunos em sala de aula quando nós somos os mestres, ou seja, quando somos nós os professores, aqueles dos quais muitas e muitas vezes faltamos com respeito.

Quando falo que as oficinas são os lugares ideais para entendermos como é ser professor e bater de frente com os alunos, não quero dizer de forma alguma que nos estágios não fazemos essa troca, mas temos mais apoio nos estágios, temos mais respaldos por parte de nossos orientadores e por parte do professor da sala, já nas oficinas não temos com a mesma intensidade.

Talvez isso seja positivo se pensarmos na oportunidade de nos conhecermos e sabermos em que nível estamos se precisamos assumir uma turma e em determinado colégio.

Nos estágios temos a oportunidade de compartilhar momentos e conhecimentos com o professor oficial da matéria no colégio do qual estamos estagiando. O que é uma experiência primordial a ser compartilhada, métodos diferentes dos quais estamos acostumados, jeito de lidar com alunos, conhecimento dos quais ainda não tínhamos.

Essa oportunidade, no entanto, algumas vezes é mal interpretada por alguns professores dos quais acreditam que os estagiários estão ali para observar sua aula com a preocupação de criticar, confrontar ou até mesmo de desdenhar de sua aula perante seus alunos.

É uma questão observável e visível em muitos professores, ainda mais quando somos formados em épocas diferentes com tipos de pedagogias diferentes, que entendem a sala de aula com visões totalmente opostas. É outra questão que podemos tratar um pouco mais abaixo nesse capítulo, é essa da pedagogia do qual são formados os professores e qual sua real possibilidade de aplicação quando falamos de uma escola estadual.

Mas antes de entrarmos nesse assunto, para continuar com os passos da formação de professores, falamos sobre a dificuldade que muitos alunos têm para dar conta da carga horária de estágio do qual é submetido o aluno.

A necessidade de cumprir as horas traz como um dos principais problemas a dificuldade de encontrar e frequentar as escolas para estágio, ainda mais ter que trabalhar em período integral, realidade da maioria dos alunos, principalmente do curso de ciências sociais.

Diversas empresas não costumam concordar com a saída de alguns de seus funcionários para cumprir o estágio de seu curso e tendo a necessidade de se manter no emprego muitos alunos acabam por desistir da licenciatura por essa falta de flexibilidade.

Falta de flexibilidade que a grande maioria dos colégios também compartilham quando são dadas as cartas para que os alunos procurem colégios para a realização e conclusão dos estágios. Por vezes além de dificultar ao máximo a vida do estagiário dentro da escola, muitas escolas negam oportunidade para os mesmos.

Enfim, a redução da carga horaria ou um encaixe desses horários dentro do período de aulas na universidade seria um passo gigantesco para aumento da procura por uma disciplina que possua a licenciatura e a obrigação dos colégios em aceitar uma boa quantidade de estagiários, é claro dependendo o porto do colégio, seria de grande valia a todos.

Essa relação entre escolas e estagiários é um dos exemplos de como o professor, na qualidade de “intelectual orgânico”, encontra dificuldades para se inserir na comunidade e na formação profissional de futuros professores. Já que nesse momento o estagiário não se encontra na posição nem de professor nem de aluno e o professor quando chega a escola já possui uma posição definida, porém, não conhece a realidade dos alunos e nem da escola.

A formação de professores é discutida há muitos anos, acreditando que uma hora chegaremos a um consenso sobre que tipo de pedagogia que poderemos aplicar, qual será a melhor para formação de professores.

“A formação dos professores é apontada como uma das principais responsáveis pelos problemas da educação. Ainda que tenha ocorrido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos vinte anos, a formação deixa muito a desejar, há ainda grande dificuldade em se pôr em prática, concepções e modelos inovadores. Dessa forma, de um lado as escolas se fecham às suas experiências e ao seu contexto e por outro lado, convivesse com um academicismo excessivo que não retrata a escola real. Em consequência há uma discrepância entre um academicismo exacerbado e um empirismo tradicional, ambos são criticáveis. (BANDEIRA, 2006, p.4)

Como podemos apreciar nas palavras de Bandeira, nos últimos vinte anos lutamos para que possamos realizar melhor nosso trabalho e desenvolver melhores técnicas para dar um passo muito grande na educação.

A realidade da escola para muitos dos professores é assustadora visto que o modelo pedagógico de muitas instituições é passivo de crítica por não trazer a realidade escolar, como ela realmente é fantasiando algumas realidades.

Dulcinéia Beirigo de Souza contribui para nosso capítulo que fala do professor através de seu artigo na revista multidisciplinar da UNESP, a autora coloca os anos iniciais dos professores como os mais difíceis de sua carreira, esse período é tido como determinante para sua carreira.

Nos primeiros cinco anos de carreira o professor ainda pode ser considerado iniciante, sem é claro ser uma regra esse tipo de definição. O choque com a realidade é um dos principais motivos da frustração dos professores, a impossibilidade de se fazer o que ele julga primordial para suas atividades didáticas.

Enfrentar os alunos, resolver problemas de disciplina, fazer com que seus alunos consigam se desenvolver acompanhando o conteúdo disciplinar e fazer com que esse conteúdo seja aplicado dentro do tempo exato de aula, fazem parte da difícil iniciação dos professores.

Além desses problemas citados acima ainda o professor iniciante tem por muitas vezes a rejeição de seus colegas, principalmente quando esse professor chega ao ambiente escolar com novas ideias e com entusiasmo para aplica-las.

Assim a dificuldade de aplicar novas ideias e técnicas didáticas faz com que esse jovem mestre acabe por reproduzir o que já viveu tradicionalmente, ou seja, abandona algo que entende como novo, moderno, e parte para a aula tradicional com todos os métodos tradicionais.

“Nas escolas, geralmente, o professor novato fica à mercê da sorte, podendo ou não conseguir superar a fase das adaptações que está confrontando. Assim, sem ter com quem compartilhar suas dúvidas, seus acertos e seus erros, o professor acaba apoiando sua prática em ações que vivenciou na época de estudante, reproduzindo a prática de seus antigos professores, o que dificulta sua transformação na busca de uma atuação mais significativa e inovadora em suas atividades docente.” (SOUZA, 2009, p. 37)

Enfim não tendo a oportunidade de modernizar a aula passamos ao método tradicional, se o professor pensa em agir de modo mais flexível e não consegue passa a ser tão disciplinador quanto os outros.

Em algumas linhas atrás falávamos sobre a pedagogia atual que entende o professor de modo diferente da pedagogia tradicional, na atual pedagogia, o professor tem agora o papel não mais de apenas transmitir conhecimento, e sim o papel de mediador dentro da sala de aula.

Mediar significa estar no meio, estar entre, o que poderia ser entendido como uma barreira, afastando extremidades, mais o significado de mediação para a educação é o oposto (SPONHOLZ, 2003, p.206).

Ou seja, o significado na educação dessa palavra “mediar” é o professor fazer uma ponte, porém de forma participativa procurando as falhas e conhecer os defeitos das partes.

“Mediar é estar no meio, para que se possa mais facilmente perceber as necessidades de ambos os lados e interceder buscando um maior equilíbrio. Logo, estar “entre” não é permanecer inerte, sendo apenas uma ponte que interliga extremos. É interagir, construindo um todo significativo.” (SPONHOLZ, 2003, p.206)

A troca de informações e conhecimentos é o que significa a atual educação, é preciso que o professor conheça o conteúdo e que saiba mediar aos alunos, e esse conhecimento que os mesmo tenham a capacidade de assimilar sem um grau muito grande de dificuldade, ou seja, o conteúdo é algo que faz sentido para ambos.

“A verdadeira educação acontece, portanto, quando as informações e conhecimentos fazem sentido, tanto para quem as transmite quanto para quem as recebe, É preciso haver uma interação maior dos agentes da ação educativa, pois a educação é um processo dinâmico que requer um educador agente e um educando participativo, visando a construção de uma sociedade justa e fraterna.” (SPONHOLZ, 2003, p.206).

Deste modo algo do cotidiano dos alunos facilitaria o seu entendimento sobre a matéria, o que torna importante o professor ter noção exata de onde ele pisa e o que ele pode ter de exemplo para que a mediação do conhecimento aconteça com naturalidade.

Sendo assim não mais o professor deve falar, falar e falar sobre seu conteúdo e expor sua matéria, provocar no aluno a vontade de falar, debater os

temos e construir um diálogo entre as partes é um dos grandes objetivos da educação moderna.

Porem para que isso possa ocorrer aprendemos no estágio de licenciatura a basearmos nossas aulas sobre os passos da pedagogia histórico-critica, visto que na mesma o professor deve buscar compreender a realidade do aluno, algo que é bem diferente da pedagogia tradicional.

A pedagogia tradicional tinha o professor como preocupação principal, ele era o senhor do conteúdo, podemos assim dizer o detentor do conhecimento, sendo sua aula em alguns casos, baseada em um monologo, só o professor falava e os alunos apenas escutavam.

Enquanto na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor, centro, sujeito agente decisório do processo, (SPONHOLZ, 2003, p.213). Na pedagogia histórico – critica é diferente a ação desse professor, o foco é no aluno e seu cotidiano.

A pedagogia histórico– critica procura entender a realidade social que cerca os alunos das escolas para poder trazer o conteúdo para sua realidade de forma a facilitar o entendimento do mesmo.

“A Pedagogia Histórico – Critica baseada em grande parte nas ideias de Gramsci e, no Brasil, encabeçada por Dermeval Saviani, entende que a tarefa prioritária da escola é a difusão dos conteúdos de forma concreta, indissociadas da realidade social. O professor é o mediador nas trocas de experiências excluindo a não – diretividade.”(SPONHOLZ, 2003, p.215).

Queremos deixar bem claro aqui que a organicidade de um professor não está ligado diretamente com seu método pedagógico, se é ele tradicional ou histórico-critico, pode sim um professor ser intelectual orgânico aplicando em suas aulas um método tradicional de ensino, porém, entendemos aqui que a pedagogia histórico-critica, sendo utilizada com seus instrumentos corretos possibilita ao mestre um melhor desenvolvimento de suas atividades.

Desta forma afirmamos que é possível um grande professor – um intelectual orgânico no melhor sentido da palavra – que se valha de aulas expositivas bem tradicionais, ao passo que existem professores desengajados ao extremo que se valem das mais modernas inovações metodológicas.

A teoria da pedagogia de Saviani é entendida como uma teoria crítica, visto que mostra o conhecimento a partir de uma realidade que não é perfeita, uma

realidade que os problemas se mostram e se colocam a disposição dos alunos para debaterem o conteúdo.

Enfim métodos pedagógicos muitas vezes são criados e ensinados nas universidades para que facilite e desenvolva não só o conhecimento do professor e facilite sua didática, como também para que possa fazer da aula algo mais agradável aos alunos, onde a participação dos mesmos seja de fundamental importância para todos.

Mas a dificuldade de implantação desses métodos acaba por muitas vezes fazer com que o professor termine caindo no tradicionalismo, no método nada diferenciado do que se vê a muitos anos na escola.

Enfim contemplamos nesse capítulo intitulado “O Professor” um pouco da realidade que vivem muitos dos mestres do nosso país, falamos sobre a educação e os autores que a discutem, as fazes que passamos durante o período de formação, e os problemas escolares assim como os problemas de aplicações pedagógicas.

Mas com certeza muitas pessoas sentiram falta nesse capítulo de um comentário mais aprofundado da desvalorização dessa profissão que não podemos esconder de ninguém é nítido, temos exemplos em todos os veículos de comunicação, vemos os descasos em muitas gravações de celulares, no entanto deixo um comentário um comentário mais profundo para a conclusão desse trabalho.

Bom o professor está inserido nesse cenário dos qual tratamos nesse capítulo, interagindo com diversidades o tempo todo e com a flutuação política e econômica do país, e conhecer esses passos foi de fundamental importância para que possamos a seguir pensar o professor como intelectual orgânico.

Assim já que podemos apreciar essa gama de interações que tem o professor com sociedade podemos compreender de forma mais claro que sua relação pode transformar o pensamento de muitas pessoas através de uma influência que o professor exerce sobre toda a sociedade.

4. O PROFESSOR INTELLECTUAL ORGÂNICO

Assim como vimos no primeiro capítulo, os intelectuais orgânicos são capazes de nos sugerir uma visão de mundo diferente daquelas que trazemos de nosso berço. O professor é apresentado nos primeiros anos de nossa vida como detentor do conhecimento cognitivo, um ser que imaginamos estar acima das classes, do mesmo jeito que os intelectuais tradicionais pensam estar.

Ao iniciamos nossa trajetória escolar temos com o professor uma relação de mestre e aprendiz, uma relação onde a visão de mundo do professor e toda sua experiência não é exposta aos alunos devido a pequena compreensão que temos do mundo que nos cerca.

No entanto, nossos mestres, além de seus conhecimentos cognitivos, carregam uma bagagem ideológica e uma experiência de vida que passa a ser compartilhada conosco nos anos que se da nossa trajetória escolar. Os professores têm uma visão de mundo que caracteriza o que é a família, governo, escola, suas profissões e seu pensamento político.

Dentro da sociedade, desempenhamos papéis, cumprindo funções, frequentando a escola e, inevitavelmente, vamos envelhecendo. Vivenciamos novas experiências e também construímos nossas visões de mundo, ou seja, com o passar do tempo vamos moldando nossas concepções, algo comum a todos, concepções essas que passam muito pelo que vivemos dentro da escola e com pessoas dos quais tivemos admirações e respeito.

As ideologias¹ de nossos professores agora são facilmente mais reconhecidas no diálogo em sala de aula e são por nós mais admiradas ou rejeitadas. Essa relação de aceitação de uma ideia, nos faz enxergar o mundo de uma outra forma, papel idêntico ao dos intelectuais orgânicos que trazem novas concepções a vida de determinados grupos dos quais eles se identificam.

Identificamos os professores como intelectuais orgânicos a partir do momento que suas ideias alteram opiniões e permitem entender o mundo de um

¹ Ideologia para Karl Marx funcionava como instrumento de deformação da realidade, algo que mascarava a mesma. Para Gramsci assim como para Lenin a ideologia não possuía um viés negativo pelo contrário, a formação e difusão de uma ideia poderia ser um instrumento de organização dos trabalhadores, ou seja, das classes subalternas em torno de um projeto aberto e democraticamente constituído.

jeito que jamais se poderia sem a ajuda deles e através da troca de conhecimento que ocorre dentro da sala de aula.

Gramsci em seus escritos sobre os intelectuais e a organização da cultura, ao falar dos intelectuais do tipo rural, que são sim em sua maioria intelectuais tradicionais, coloca o professor como sendo um deles.

“Os intelectuais de tipo rural são, em sua maior parte, “tradicionais” isto é, ligados à social camponesa e pequena – burguesa das cidades (notadamente dos centros menores), ainda não elaborada e movimentada pelo sistema capitalista: este tipo de intelectual põem em contato a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, tabeliões, etc.) e por essa mesma função, possui uma grande função político – social, já que a mediação profissional dificilmente se separa da mediação política. Além disso: no campo, o intelectual (padre, advogado professor, tabelião, medico, etc.) possui um padrão de vida médio superior, ou, pelo menos, diverso daquele do médio camponês e representa, por isso, para este camponês, um modelo social na aspiração de sair de sua condição e de melhora-la.” (Gramsci, 1968, p.13).

Portanto esse que tratamos aqui como intelectual orgânico, mesmo quando está entre a camada dos intelectuais de tipo rural, ou quando é considerado por Gramsci tradicional em centros menores, possui suas uma notável influência nas massas.

Pensando por esse lado conseguimos ver mais uma vez se olharmos pelas lentes das palavras de Gramsci, que nas pequenas cidades em todos os tempos os professores foram e ainda são de certa forma uma grande influência e perspectiva de melhora de vida, ou seja, ascensão social por grande parte da população dessas cidades.

Juntamente com todos os profissionais de grande envergadura em pequenos centros, os professores são tratados com muito respeito e admiração, são fontes de inspiração para a maioria da população, e suas ideias podem transformar a vida dessa população, de forma mais radical suas ideias chegam até mesmo a reger a vida de algumas dessas pessoas.

Não apenas pelo comportamento dentro da sala de aula, como também pelo vasto conhecimento que ele possui daquela sociedade. Deste modo conhece e tem a realidade social em suas mãos, podendo expor seus conteúdos de uma forma que faz o aluno buscar melhorar a realidade que o cerca, falando com propriedade.

A proximidade do professor com os alunos, também faz parte da mudança que Gramsci procurava na educação, ou seja, a mudança na atividade escola. Para

nosso autor a escola deveria ser como o mesmo chama de “Escola Unitária” onde a prática e teoria se encontraria em harmonia.

“A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termos, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas no sentido tradicional) ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a certa autonomia na orientação e na iniciativa.” (GRAMSCI, 1968, p.121).

Sendo assim o aluno teria a oportunidade de se preparar para a vida prática e com o conhecimento intelectual junto, e é claro que para o autor sardo, a escola deveria ser algo que ficasse na responsabilidade do governo, a educação não era algo a ser custeado pelos pais, visto que assim apenas as crianças em que os pais possuíam condições estariam na escola.

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família, no que toca a manutenção dos escolares, isto é, que seja completamente transformado o orçamento da educação nacional, ampliando-o de um modo imprevisível e tornando-o mais complexo: a inteira função de educação e formação das novas gerações torna-se, ao invés de privada, pública, pois somente assim pode ela envolver todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas. (GRAMSCI, 1968, p. 121).

Outro fato que o autor dá muita importância para engrossarmos o caldo sobre a importância que Gramsci dá a escola, é que a escola sendo custeada pelo Estado, diminuindo a diferença entre as famílias mais bem sucedidas das famílias dos simples, como diria o autor. Contribuiria para que diminuísse a dificuldade de assimilação de conteúdo por parte das famílias mais humildes.

Pois as famílias de grande poder financeiro por consequência em sua grande maioria também são famílias de grande cultura intelectual, ou usando as palavras de Pierre Bourdieu, capital cultural, que são transferidos a seus filhos, permitindo aos mesmos uma maior facilidade na absorção dos conteúdos disciplinares.

Numa série de famílias, particularmente das camadas intelectuais, os jovens encontram, na vida familiar uma preparação, um prolongamento e uma integração, absorvendo no “ar”, como se diz, uma grande quantidade de noções e de aptidões que facilitam a carreira escolar propriamente dita: eles já conhecem, e desenvolvem ainda mais, o conhecimento da língua literária, isto é, do meio de expressão e de conhecimento, tecnicamente superior aos meios possuídos pela média da população escolar dos seis aos doze anos. (GRAMSCI, 1968, p.122-123).

Dada a importância que tem a escola para Gramsci o professor não pode de forma alguma estar separado de toda essa mudança estrutural, ou seja, se a escola é transformadora, o professor é o intelectual que tem o poder de transformar, de mostrar aos alunos como suas vidas podem ser diferentes. A proximidade do corpo docente com o corpo discente está nos planos dessa educação que é idealizada, vista com bons olhos pelo nosso autor.

“Mas esta transformação da atividade escolar requer uma ampliação imprevista da organização prática da escola, isto é, dos prédios, do material científico, do corpo docente etc. O corpo docente, particularmente deveria ser aumentado, pois a eficiência da escola é muito maior e intensa quando a relação entre professor e aluno é menor, o que coloca outros problemas de solução difícil e demorada.” (Gramsci, 1967, p. 121).

Partir da realidade do aluno e compreender a visão de mundo do mesmo, ou seja, deve-se entender primeiro quais os problemas diários dos alunos, como ele se comporta dentro de suas concepções. Ponto de partida importante para o professor não apenas para conhecer e confrontar com a realidade do aluno, como também é o momento dele procurar despertar no aluno uma concepção de mundo que ele não tem, é o papel de educar para a vida.

Quando falamos de partir da realidade do aluno, é por que entendermos que assim como dizia Gramsci, *todos os homens são filósofos*, ou seja, todos os homens enxergam o mundo por uma ótica que lhes confere sentido e que lhes faz acreditar em algo - uma filosofia não de sentido puramente intelectual e sim uma filosofia de vida:

“É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos” definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea”, peculiar a todo mundo” (CC 11, § 12, V 1, p.93).

Vemos agora que ao partir da realidade do aluno o professor está exercendo seu papel de intelectual. O mestre desenvolve uma nova concepção de mundo partindo da concepção de mundo do aluno e faz este aluno refletir sobre a realidade que o cerca.

As crianças e adolescentes carregam consigo todo um histórico social que influencia de algum modo, nesse histórico social o professor tem um grande papel não apenas por enxergar seu mundo e transmitir o conhecimento, e sim por fazer parte do cotidiano do aluno desde sua infância.

“A consciência da criança não é algo “individual” (e muito menos individualizado), é o reflexo da fração da sociedade civil da qual participa, das relações sociais tais como elas se concentram na família, na vizinhança, na aldeia, etc.” (GRAMSCI, 1968, p.131)

Para Gramsci um dos grandes problemas escolares é justamente a falta de unidade entre a vida e a escola entre a instrução e a educação, “As consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas as que são refletidas pelos programas escolares” (GRAMSCI, 1968, p.131)

No entanto o professor se torna cada vez mais importante na mudança de concepção de vida dos alunos ao passo que os mesmo começam a ver o mestre não como um simples transmissor de conhecimento, um alguém engessado em uma cadeira de sala de aula e sim como um conhecedor e trocador de experiências e opiniões.

Dai porque é possível dizer que, na escola o nexo instrução – educação somente pode ser representada pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura representados pelos alunos, sendo também consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior. (GRAMSCI, 1968, p.131)

Apesar de termos mostrado no capítulo II, a dificuldade de se aplicar nos colégios públicos dos quais conhecemos a realidade os métodos pedagógicos para aplicação de uma aula que difere da tradicional. Os materiais didáticos, tais como o apostilas, livros, aparelhos eletrônicos, revistas entre outros. Estão acessíveis aos professores, ainda que de modo escasso, ou seja, deteriorados, com funções comprometidas ou até mesmo quebrados resultado da falta de investimento na educação em todo país.

Mais ainda é uma importante arma que os professores possuem para transformar a realidade dos alunos, o objetivo aqui é de implantar uma

transformação cultural, que acarretara em uma transformação na concepção de mundo dos alunos.

Antônio Gramsci trata nos cadernos do cárcere também os aparelhos privados de hegemonia, estes que são: as revistas, jornais, escola empresas entre outros, que fazem parte de um pacote de legitimação da ordem vigente.

“O aparelho de hegemonia qualifica e precisa a hegemonia, entendida como hegemonia política da classe dominante. Conjunto complexo de instituições, ideologias, práticas e agentes (entre os quais os “intelectuais”), o aparelho de hegemonia só encontra sua unificação através da análise da expansão de uma classe. Uma hegemonia não se unifica como aparelho a não ser por referência à classe que se constitui em e através da mediação de múltiplos sub-sistemas: aparelho escolar (da escola à universidade) aparelho cultural (dos museus às bibliotecas), organização da informação, do meio ambiente, do urbanismo, sem esquecer o peso específico de aparelhos eventualmente herdados de um modo de produção anterior (tipo: a Igreja e seus intelectuais).” (BUCI-GLUCKSMANN, 1990, p.70).

O professor com seus recursos pedagógicos, a TV pen-drive (TV disponibilizadas pelo governo do Paraná as escolas públicas com dispositivo de entrada para pen-drive) o quadro negro, os textos didáticos, possui seus aparelhos privados dos quais podem desenvolver suas ideias.

Devemos esclarecer que para Gramsci os aparelhos privados de hegemonia não são ferramentas como textos didáticos ou quadros negros, são instituições que atuam a favor da classe dominante. No entanto a ideia aqui é que o professor pode utilizar essas ferramentas para difundir suas concepções de vida assim como fazem essas instituições.

O professor pode utilizar a TV pen-drive para mostrar um filme cujas interpretações são vistas de um modo diferente do senso comum, por meio das quais é possível observar o que acontece em uma sociedade com um viés diferente do que o aluno teria assistindo com seus pais, colegas, namorada, amigos ou parentes.

Os recortes dos textos didáticos também são de grande valia para o professor, mais um modo próprio do mesmo tratar as questões, nosso intelectual orgânico pode fazer comparações dos textos didáticos com figuras de jornais ou revistas com objetivo de confrontar a realidade mostrando outra visão de mundo.

O espaço físico de uma escola, a convivência entre as pessoas, o modo como as mesmas se relacionam, são lugares propícios para o professor intelectual

orgânico manifestar suas aspirações, transmitir conhecimento e ao mesmo tempo em que age mostrando novas concepções de mundo para seus alunos.

Sendo assim podemos dizer que as ideias de nossos professores são aspiradas por nós e podem nos fazer compreender o mundo de um modo diferente das outras pessoas que fazem parte de nossas vidas. Algumas de suas reflexões ficam marcadas para sempre em nossas vidas e são capazes de provocar uma mudança de pensamento brusca, assim são nossos mestres, nossos intelectuais orgânicos.

É claro que para Gramsci transformar a cultura perpassa o campo econômico, assim como vemos nas seguintes palavras.

Pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade, sem uma anterior reforma econômica e uma modificação na posição social e no mundo econômico? É por isso que uma reforma intelectual e moral não podia deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica; mais precisamente, o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral (CC 13, § 1, V3, p.19).

Bom é desse modo que podemos dizer que o professor e sua visão de mundo fazem parte de uma legião de intelectuais que podem trazer a nossas vidas algo que fara a diferença com o passar dos anos e com a bagagem do qual possuímos. Sua opinião tem tanta força que no livro “Ciência e Política Duas Vocações” de Max Weber o professor deve separar suas ideais políticas de suas aulas, visto sua influência para com os alunos. Acreditamos que deste modo podemos entender que o professor tem todos os requisitos para agir de forma orgânica quando é algo desejado pelo mesmo.

5.O PROFESSOR E INTELLECTUAIS NA ATUALIDADE (MODERNIDADE)

Até agora chegamos à conclusão de que o professor é um intelectual orgânico quando o mesmo opera de forma a modificar a visão de mundo de uma sociedade, e ao agir defendendo interesses de determinadas classes, transformando e lutando por ideais dos quais compartilha.

Mas uma pergunta que nos cabe uma reflexão mais longa, nos tempos modernos o professor ainda é um intelectual orgânico? Ou seja, sua organicidade esta consegue ainda superar o poder capitalista que desfila por todas as áreas da sociedade sem parecer perder as foças em nenhum momento?

Bom ao falarmos da atualidade da sociedade em que vivemos, enxergamos o professor passando por momentos difíceis dentro da sociedade assim como a figura do intelectual, do ser engajado que debate a favor de uma classe principalmente as classes subalternas para usarmos palavras de Gramsci.

Como podemos ver na sociedade em veículos de comunicação, em redes sociais etc. O professor na atual sociedade sofre uma desvalorização da qual aumentou muito com o passar dos anos, essa figura que era digna do respeito de toda sociedade parece ter hoje em dia ter que enfrentar obstáculos que veem de todo lado.

Nossa sociedade vive o liberalismo não apenas de mercado como em todas as esferas possíveis, buscando cada um salvar sua pele, cada um buscar melhorias pessoais e objetivos individuais, “Vivemos uma época de muitas transformações, momentos de muitas incertezas. Assiste-se a uma valorização da produtividade, da competitividade nos diversos segmentos da vida humana, inclusive na educação” (BANDEIRA, 2006, p. 2). Sendo assim, o professor passou a ser uma figura que rema quase que sozinha na sociedade.

O respeito que se tinha com o professor ficou pra trás devido à falta de tempo ou estrutura dos pais dos alunos, alunos esses que também se tornam pais e não tendo eles esse respeito por seus metres não faram com que seus filhos pensem diferente.

Deste modo a um contagio de toda sociedade nesse falta de respeito e admiração, algo que vai se alastrando por todos os cantos até chegarem a pequenos lugares onde os professores são ainda figuras de grande monta dentro de toda a estrutura.

O Estado que também faz parte, está inserido dentro e não poderia ser diferente de todo esse contexto da sua parcela de contribuição, desvaloriza financeiramente o professor, faz com que o mesmo não tenha possibilidades de alcançar uma vida digna de quem procura se aperfeiçoar sempre, de quem estuda a todo tempo com o objetivo não apenas de buscar conhecimento cognitivo, mas como quem procura passar todo seu conhecimento a favor de uma vida mais digna a todos.

A estrutura escolar que é de péssima qualidade que não permite ao professor dar uma aula digna e com todos os materiais disponíveis, funcionando. Com todos esses percalços a qualidade da aula do mestre diminui, ele fica desinteressado o aluno também e a bola de neve se estende pela escola, pela sociedade etc.

Pensando com as palavras acima temos a conclusão de que ser um professor hoje em dia é um demérito, um erro profissional uma escolha mal feita por quem deseja seguir essa profissão?

Na verdade não é assim que entendemos os fatos acima, são argumentos muito fortes contra a profissão de professor, no entanto podemos driblar de certa forma tudo que foi estabelecido nas palavras que desvalorizam os mestres, seja com métodos pedagógicos seja com a busca de conhecer um pouco mais sobre a sociedade que o cerca, ou seja, sobre a realidade da escola, do bairro onde está inserida a mesma.

Enfim se agirmos como professores intelectuais orgânicos, se conhecermos as causas às lutas e se nunca desistirmos de buscar melhorias para nossa sociedade e também nossa profissão, valera muito o esforço de sermos professores.

Como já dissemos nesse trabalho á sociedade que hoje vive um individualismo exacerbado, uma briga constante para se sair bem perante os olhos do capital. Fez com que desaparecessem os intelectuais engajados? Não temos mais intelectuais que lutam a favor das classes subalternas e procuram estabelecer um vínculo com a classe do qual pertence?

A partir da segunda metade dos anos de 1970, um novo ciclo do capitalismo e a sua Contraditória recomposição desencadearam profundas transformações nos processos produtivos, nas práticas políticas e na função dos intelectuais (SEMERARO, 2006, p. 381).

Ou seja, “Sofisticado e flexível, nunca o capital se tornou tão abrangente como nessas últimas décadas” (SEMERARO, 2006, p. 381), assim os intelectuais de repente se viram obrigados a passar também por profundas mudanças para se adaptarem as novas configurações sociais.

Nos dias de hoje os intelectuais orgânicos, aqueles que, são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade (SEMERARO, 2006, p. 377), muitas vezes não alcançam seus objetivos ou parecem afastados de suas lutas.

Éramos acostumados a ver intelectuais atuantes a todo tempo, não apenas em um veículo de comunicação, não apenas em um canal de televisão tendo que cumprir determinados protocolos, ou seja, atuavam em diversas áreas.

Conscientes de seus vínculos de classe manifestam sua atividade intelectual de diversas formas: no trabalho, como técnicos e especialistas dos conhecimentos mais avançados; no interior da sociedade civil, para construir o consenso em torno do projeto da classe que defendem; na sociedade política, para garantir as funções jurídico-administrativas e a manutenção do poder do seu grupo social (SEMERARO, 2006, p. 378).

A televisão tomou uma proporção gigantesca dentro da sociedade ditando moda e modos de vida para todos os grupos sociais, Esse intelectual orgânico dos quais falamos está agora presente apenas a favor da classe dominante, ele dominam os programas de TV principalmente e expõem suas opiniões favorecendo a classe privilegiada do país.

Para que o intelectual consiga destaque dentro da sociedade, para que suas ideias sejam aproveitadas e modifiquem as vidas das pessoas dos quais o intelectual divide a visão de mundo, o mesmo deve possuir influencia suficiente para estar em um canal de televisão ou até mesmo se render aos absurdos das ideias dominantes imposta pra todos e dela compartilharem uma organicidade.

Na verdade o que esse intelectual que está diretamente associado a uma mídia não apenas a televisiva, mas principalmente essa que é aspirar ao poder, é ser um intelectual que não apenas mantenha as ideias do capital como também dele tire proveito para ser o mais famoso, o considerado mais competente, aquele que será sempre lembrado primeiro como um ser individual e depois como um ser social.

Os intelectuais orgânicos que estão com espaços reduzidos por defender suas classes sem se renderem as ideias dos quais não compartilham, são esses os das classes subalternas. Lutam de forma diferente para a transformação da sociedade, seu objetivo de lutar encabeçar uma luta do qual ele não vai apenas dizer que ele fez parte com destaque de ser o herói, Gramsci retrata a osmose profunda dos intelectuais com as camadas populares, reconhecidas como sujeitos ativos imbuídos de “espírito criativo”, porque promove a universalização da intelectualidade (SEMERARO, 2006, op. 379).

Desta forma o que Semeraro nos diz é o que conhecemos de Gramsci que todos os homens são filósofos, porém, que nem todos eles desempenham esse papel, e os que desempenham lutam e não querem a vitória para se vangloriar ou para tirar proveito da situação do qual sua classe vive, em outras palavras é uma luta democrática pela hegemonia.

CONCLUSÃO

Na introdução desse trabalho falamos sobre a visão de intelectual que temos de acordo com o senso comum, ou seja, aquele intelectual do qual somos obrigados a comprar, o intelectual que possui apenas muito conhecimento e pouco envolvimento social. Desmistificamos o mesmo, mostrando outra visão, onde o intelectual atua diretamente a favor do grupo do qual ele pertence.

No primeiro capítulo do qual chamamos “Intelectuais” trazemos para os leitores o conhecimento de nossos autores em relação ao assunto dos intelectuais para quebrar de vez a visão minúscula sobre o assunto que o senso comum possui, reforçando com muita propriedade o que foi feito na introdução desse trabalho.

Apresentamos a opinião de Renato Janine Ribeiro, que em seu artigo “O Cientista e O Intelectual”, se esforça para esclarecer o alcance do conceito de intelectual, onde o intelectual não se mostra apenas preocupado com seu conhecimento, como também procura trabalhar em prol de uma classe ou de um grupo do qual pertence, ou seja, Renato estabelece uma relação do intelectual com o cientista e destaca o papel que o intelectual tem diante do público.

Dizemos então que Janine entende que o intelectual é aquele que se preocupa com os assuntos que podem trazer um benefício ou que pode transformar a vida da sociedade, enquanto o cientista se preocupa mais com as novas descobertas, com a busca pela verdade científica, portanto é a atitude perante o público que diferencia o intelectual do cientista.

Falamos ainda sobre a polemica que levanta Ribeiro em seu artigo, se todos os conhecimentos científicos devem ser trazidos a público para discussão, se cabe ao intelectual o papel e a obrigação de mediar as descobertas e fazer com que o público julgue se é correto sua aplicação ou não.

Mostramos também a discussão que traz Marilena Chaui, quando nossa autora mostra a em seu artigo “O intelectual engajado é uma figura em extinção?”, a diferente opinião que tem Sartre em relação a Merleau-Ponty.

Para Sartre o intelectual é uma figura de grande importância quando expressar sua opinião com intuito de defender suas causas, ainda que no calor das emoções, com a oportunidade de fazer expor suas ideias a favor ou contra tal fato. Já Merleau-Ponty entende que esse seria o grande problema, quando um intelectual

age de forma rápida no calor das emoções pode o mesmo não pensar com calma sobre o assunto e transmitir uma mensagem equivocada.

No pensamento de Mannheim os intelectuais surgiram da modernidade com o enfraquecimento da igreja católica, pois a mesma começa a perder o seu domínio sobre a sociedade. Assim surgem os intelectuais como representantes de um grupo, que despertam nesse grupo uma nova forma de ver o mundo que os cercam. Sendo o pensamento dos grupos dominantes uma ideologia para os demais e o pensamento dos grupos dominados uma utopia para os dominantes.

E chegamos depois ao nosso principal autor Antônio Gramsci, para ele, os intelectuais, são criados por um grupo ou classe social do qual torna-se representante de suas concepções de mundo, o intelectual recebe desse grupo toda confiança absorvendo toda sua ideia, toda sua visão de mundo.

Não necessariamente os intelectuais atuam de forma estática, ou seja, nascidos em um determinado grupo eles serão intelectuais ou compartilharam uma visão de mundo sempre ou apenas daquele grupo. Pode o intelectual ter nascido em determinado grupo e compartilhar até mesmo lutar a favor de outro grupo assim, como Marx e Engels.

No segundo Capítulo do qual chamamos de “O Professor”, passamos a tratar primeiro da educação e da escola, trouxemos as ideias de diversos autores que discutiram a educação ao longo dos anos como Emily Durkheim e Mauricio Tragtemberg.

Procuramos mostrar a difícil tarefa de ser professor a questão do estágio das dificuldades com o relacionamento com os seus colegas de profissão, ou futuros colegas enquanto o estagiário ainda não é formado. As dificuldades de se conseguir uma escola para estagiar também, o passo a passo em todo o processo de se tornar um educador.

Falamos também sobre alguns métodos pedagógicos dos quais não determina a organicidade de um professor, mas que, pode ser de grande valia na facilidade de o professor se interagir com a sala de aula aumentar o desejo do aluno de ampliar seus conhecimentos.

No terceiro capítulo intitulado “O Professor Intelectual orgânico” falamos de como age o professor e como deste modo ele pode se tornar um intelectual orgânico, suas relações diretas com a sala de aula e com a sociedade, tendo assim

sua opinião grande importância na vida dos alunos, muitas vezes fazendo com que suas ideias mudem os rumos de algumas vidas.

No quarto capítulo do qual nomeamos “Professores e Intelectuais na Atualidade (Modernidade)”, procuramos mostrar a dificuldade desses dois seres pensantes com o individualismo que se levante cada vez mais dentro da sociedade, com o desprestígio das duas categorias, com a chegada da mídia, da televisão a posição de dominante da sociedade.

Um professor hoje não goza mais de tanto prestígio facilmente como em épocas passadas, assim como os intelectuais que para se manter muitas vezes nesse categoria deve até defender ou passar a defender ideias dos quais não vê com bons olhos, ou buscar a todo momento estar na mídia para não cair no esquecimento ou para que suas “ideologia’ conquiste algo desejado.

Enfim após todo esse passeio chegamos à conclusão que apesar de todas as dificuldades é o professor um intelectual orgânico, que ainda que de forma desconhecida ou sem pretensão de fazê-la, tem o poder transformar a visão de mundo de um aluno, trazendo para o mesmo uma realidade que o senso comum ou sua pouca experiência de vida não permite que enxergue.

Sendo assim pedimos aos mestres de dentro da sala de aula onde o mesmo transmite suas ideias e conhecimento, ele jamais entre pensando que sua opinião não importa ou não muda o destino das pessoas, ao mesmo tempo também deve os mesmos ter responsabilidade para que suas palavras não sejam interpretadas de forma equivocada.

E apesar de na atualidade o professor não possuir o mesmo respeito profissional de épocas passadas ainda é uma profissão que tem muitos admiradores e seguidores, estamos nos aqui exemplos vivos dessa organicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, H, M.M. Formação de Professores e a Prática Reflexiva. *GT1: Formação de Professores/ n13 2006* Disponível em : http://scholar.google.com.br/scholar?q=FORMA%C3%87%C3%83O+DE+PROFESSORES+E+PR%C3%81TICA+REFLEXIVA&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_vis=1 Acesso em 14/12/2015.
- CHAUI, Marilena. Intelectual Engajado: Uma Figura em Extinção. In: NOVAES, Adauto (org.) *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- GASPARIN, J, L. *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-crítica*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere* 11. Ed. 5. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere* 12. Ed 6. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere* 13. Ed 5. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GLUCKSMANN, C, B. *Gramsci e o Estado*. Ed. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- LUFT. Mini dicionário. Editora Atica, 2002 PNLD FNDE (Ministério da Educação).
- MANACORDA, M. A. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. Ed. 4. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.
- MARI, C, L. O Papel Educador dos Intelectuais na Formação Ideológica e Hegemônica em Gramsci: Uma Perspectiva de Emancipação Humana. *GT: Filosofia da Educação/n.17*. Natal, 2011.
- MAZUCATO, T. *Ideologia e Utopia de Karl Mannheim – Autor e Obra*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.
- MÉSZÁROS, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- NONNENMACHER, s.: pereira. v. I. b. Michael Foucault: Modernidade e Educação. In: *Seminário Nacional de Filosofia e Educação, II, Santa Maria. Anais... Santa Maria, 2006*. Disponível em: < www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/004e4.pdf>, acesso em 01/12/2015.

PIES, N. G. *Capital cultural e educação em Bourdieu*. Dissertação (Mestrado em Educação). Passo Fundo, 2011.

RIBEIRO, Renato, Janine. O Cientista e o Intelectual. In: NOVAES, Aduino (org.) *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações*. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, D. Florestan Fernandes e a Educação. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 36, p. 71-87, 1996.

SEMERARO. G. *INTELECTUAIS “ORGÂNICOS” EM TEMPOS DEPÓS-MODERNIDADE*. Cadernos Cedes On-line Version ISSN 1678-7110 cad. CEDES vol.26 no.70 Campinas Sept./Dec. 2006

SOUZA, D, B. *OS DILEMAS DO PROFESSOR INICIANTE: REFLEXÕES SOBRE OS CURSOS DE FORMAÇÃO INICIAL*, Revista multidisciplinar da UNIESP, 2009 uniesp.edu.br. Disponível em : http://scholar.google.com.br/scholar?q=OS+DILEMAS+DO+PROFESSOR+INICIANTE%3A+REFLEX%C3%95ES+SOBRE+OS&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_vis=1 acesso em 13/12/2015

Sponholz, S. *O Professor Mediador*. Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR, 2003. Disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar?q=artigo+o+professor+mediador++somon+&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_vis=1 Acesso em 13/12/2015